

mirando libertariamente *outros espaços*

nu-sol

No mesmo semestre em que o Nu-Sol produziu sua vigésima primeira **verve**, completando dez anos de práticas autogestionárias na lida com textos libertários e abolicionistas penais, a *flecheira* foi ao ar, semanalmente, afirmando em breves escritos uma perspectiva política anarquista frente aos acontecimentos no planeta.

Na seleta de flechas desse semestre, reunida aqui, há a exposição do conservadorismo que graça em certas universidades brasileiras com o consentimento pluralista de professores e alunos que admitem a emergência ignara de posicionamentos fascistas. O boletim semanal analisou, também, a apropriação canalha pelo “circo legalista” defensor de castigos ditos *suportáveis* sobre os corpos de crianças, assim como a captura de práticas anarquistas pelos chamados “novos movimentos”, como o “ocupa sampa”, versão brasileira do “*occupy wall street*”. Todavia, diante da modorrenta utilização do termo “ação direta” pelos jovens acampados no Anhangabaú, a *flecheira libertária* seguiu acompanhando de perto o fogo advindo da coragem dos jovens gregos nos embates anticapitalistas travados contra o governo nas ruas de Atenas.

Atenta às celebrações em torno dos trinta anos de um festival musical de São Paulo, a *flecheira* problematizou a

consolidação e apaziguamento da *cena* punk na cidade; questionando se a boutade *no future* não teria se transformado nos dias de hoje em mais um *bem cultural imaterial*. A reivindicação pela garantia de segurança no carnaval foi também escancarada com humor libertário. Frente aos reclames por mais segurança na folia, os textos expuseram que carnaval e polícia não combinam e que tais reivindicações explicitam a ausência de profanação combinada com a reiteração de “pirações previsíveis” e “lararás redundantes”.

O *presente* é enfrentado pelos breves textos como atualizações de contundentes questionamentos anarquistas. O crescente interesse por jovens em redes sociais dedicadas exclusivamente ao casamento é demolido pela retomada da *verve* libertária de Emma Goldman. Para além das afirmações daquela que foi apontada pelo governo estadunidense como *a mulher mais perigosa da América*, as festas de 1º de maio, promovidas pelas centrais sindicais, no Brasil, são contrapostas à história dos confrontos radicais, como o acontecimento de *Haymarket*, que fizeram irromper a data como memória das lutas libertárias.

Por fim, ultrapassando as discussões acerca das punições ou da revisão da Lei de Anistia, a *flecheira libertária* fez avançar as discussões provocadas pela aprovação e nomeação dos integrantes da *Comissão da Verdade*. Sugeriu que para além de apresentar as histórias e os efeitos das violências do Estado sobre as vidas de homens e mulheres resistentes à ditadura civil-militar, é preciso explicitar a continuidade das torturas diárias em delegacias e prisões brasileiras, afinal: “polícia e tortura formam um casamento indissolúvel”.

Em 2012, nos dez anos de *verve*, *flecheira libertária* completa seis anos de existência. Seis anos de flechas lan-

çadas ao ar todas as terças-feiras. Em 2011, os breves textos voltados para os acontecimentos do presente passaram a frequentar os fluxos eletrônicos de **verve dobras**, propiciando outras conversas, deslocamentos e problematizações. As flechas anarquistas projetadas por gente interessada nas lutas por liberdade têm percursos surpreendentes; voam certas nos fluxos, mirando *outros espaços*.

direita

Recentemente, uma chapa denominada UCC (União Conservadora Cristã) concorreu ao DCE da USP. Fato notado, registrado e flechado aqui [n. 185, 30 de novembro de 2010. Ano IV.]. Voltaram essa semana ao noticiário eletrônico por seu relativo sucesso nas eleições (ficaram em quinto lugar, numa eleição com 11 chapas) e por suas relações com skinheads. Seu líder, um estudante do curso de geografia, fala abertamente em fidelidade conjugal, defesa da propriedade, intervenção militar para combater a corrupção parlamentar e disposição para o enfrentamento físico, traço que admira nos skinheads. Dá forma desavergonhada ao rosto fascista do atual conservadorismo que graça, muitas vezes sem coragem de se nomear, encontra lugar para seu anacrônico, mas ecoado, discurso político. O rapaz diz não ser neonazista, mas neoconservador, tenta, assim, dar um ar rebuscado à sua canalhice e vontade de extermínio.

à esquerda e aos alternativos

Uma pergunta dirige-se aos estudantes e demais integrantes de uma Universidade que já teve muitos de seus professores interceptados pelos militares e conta, hoje, com jovens alinhados aos mais variados rótulos ideológicos de esquerda: a

tolerância, o pluralismo e a retórica democrática chegam à hipocrisia de aceitar a coexistência e o reconhecimento de adversários que os tomam como inimigos privados? Ou a aceitação da canalhice alternativa levou-os a ter que engolir um fascista? Ao contrário do que apregoam fascistas e conservadores, ação política enérgica e vigorosa não é sinônimo de violência, mas expressão escancarada do intolerável. Como mostra a história das lutas libertárias, ação direta não é derramamento de sangue, mas recusa à representação e ataque franco contra os solapadores de liberdades!

[n, 221. 04 de outubro de 2011].

ocupação e palavras que circulam nos *novos movimentos*

A versão dos ocupados em São Paulo abandonou as ruas mais rápido que em outros lugares do planeta. Segundo seu site oficial, no momento, dedicam-se à promoção de oficinas de “Táticas, Estratégias e Segurança”. Chamam isso de “Oficinas de Ação Direta”. Esses e outros encontros estão acontecendo em diversos locais da cidade como forma de reagrupar para uma nova ocupação anunciada. O curioso é notar que mais e mais o léxico dos ocupados se vale de palavras que pertencem às práticas históricas dos libertários sem se dizerem anarquistas ou contra o Estado, posicionando-se apenas como partidários. Além do efeito espetacular, o que mais as ocupações que marcaram esse ano são capazes de mostrar?

sobre a ação direta e ocupados

A história das lutas anarquistas noticia que ação direta, violenta ou não, se antecipa à lei e ao fato revolucionário [ver

hypomnemata 124 em www.nu-sol.org]. Sua especificidade não está no uso da violência, mas na capacidade de abrir conversações e fazer soar a revolta diante do intolerável. Ainda que possa ser tomada como uma tática ou uma estratégia de ação, ela não se ocupa de segurança ou proposições. Os “indignados” e “ocupados” parecem querer renovar a política do liberalismo a partir de práticas que são próprias dos libertários, quando falam de ação direta e associada à segurança. A ação direta está ligada à antirrepresentação e à autogestão como jeito de fazer que favoreça a expansão da liberdade; impossível vinculá-la à necessidade de segurança.

para lembrar

Nova lei para regulamentar o uso da força sobre crianças, para além e aquém de maus-tratos e lesão corporal, está conhecida como *lei da palmada*. Mais uma vez, a lei se apresenta como remoduladora de condutas. Não se trata de abolir o castigo, mas simplesmente discutir qual a tabela de cálculo de efeitos de agressões mais adequada a ser usada para enquadrar as dores suportadas fisicamente por uma criança. Especialistas babam citações a respeito do sofrimento, juristas sobre a dificuldade de quantificar a força da punição... Concluem, aos poucos, que *cada caso é um caso*. Os abolicionistas penais, há muito tempo, propõem o fim das internações a partir deste critério, abordando uma *situação-problema* e possíveis *respostas-percurso*. O circo legalista apenas rouba a expressão de uma prática libertária para transformá-la em índice de castigo suportável.

[n, 232. 20 de dezembro de 2011].

terrorismos

Além dos inúmeros relatórios e programas que anunciam soluções ou paliativos à crise europeia, a chamada comunidade internacional, por meio da ONU, externa suas preocupações com o crescimento dos extremismos e dos terrorismos no velho continente. Os porta-vozes da comunidade internacional dizem se empenhar em ações contra os grupos de extrema direita, em especial os neonazistas que perseguem e matam ciganos, judeus e árabes, e de extrema esquerda, com destaque aos grupos anarquistas na Grécia. É preciso lembrar que antes de analistas e políticos falarem em crise, os jovens libertários gregos já alertavam para o desastre que o livre mercado produzira na Europa. Há uma diferença considerável em atacar bancos, empresas e instituições do governo e atacar violentamente pessoas na rua.

os donos das soluções

O justo meio liberal que tende a aproximar pelas pontas o radicalismo de esquerda e de direita reitera sua hipocrisia em achar que está sempre com ele a solução para os problemas. Enquanto isso, o justo meio liberal quer igualar como alvo de sua repressão o que está em diametral oposição, ou seja, os fascistas que visam exterminar com sua covardia pútrida parte da população que identificam como principais culpadas de seu infortúnio e libertários que corajosamente não se calam diante da investida do Estado e afirmam por ações que a liberdade é mais importante do que segurança e pão.

[n, 233. 27 de dezembro de 2011].

grécia em chamas: alerta!

Há dois dias, diversas cidades na Grécia seguem em greve geral com uma grande manifestação de rua convocada para o domingo, 12 de fevereiro. Enquanto o governo buscava acordo, com soluções fiscais e empréstimos junto à União Europeia e o FMI, a repressão aos rebeldes se intensificou. As notícias informam que leis municipais de limpeza urbana foram ativadas para prender jovens anarquistas que espalham cartazes pelos muros. Da mesma maneira, o partido comunista e os dirigentes sindicais avançam contra o que classificam de irresponsabilidade dos jovens anarquistas, que, por sua vez, reiteram que o alvo não são as medidas do governo, mas o governo; não é a UE ou o Euro, mas o capitalismo. Com gritos de “Abaixo a Ditadura e seu regime! Revolução ou submissão, capitalismo ou liberdade!”, os anarquistas, que foram os primeiros na Grécia a se levantarem contra o governo e os tratados da UE, desde 2006, correm o risco de mais uma vez servirem de aríete para os negócios dos dirigentes políticos de esquerda e de direita.

profanação com segurança 1

O carnaval é a histórica festa profana que restitui o santificado. Por quatro dias abrem-se as comportas da regulação para transgressões que depois apaziguarão os humanos sob os céus do sagrado. Vale: amor de carnaval, mudar de gênero, soltar o sexo, beber e se intoxicar, cantar pelas ruas, debochar dos políticos e das sentinelas das doutrinas; vestir-se de fantasias, mascarar-se, desnudar-se, cobiçar e ser cobiçada(o), delirar, sonhar, desfilas, ser rei e burguês; se for trabalhador, que esteja revestido de muito brilho e plumas, seja destaque e passista de escola de samba pelos

sambódromos, marche pelo enredo ou faça parte da ópera popular, pule atrás do trio elétrico, entre e saia dos blocos de rua. Cantar, dançar junto com deuses profanos aceitáveis por quatro dias. Depois, *cinzas*.

profanação com segurança 2

Fevereiro de 2012: polícias ameaçam a segurança do carnaval com greve por melhores salários. Epa! Que notícia é essa? Como o carnaval pode estar ameaçado por falta de policiamento? Ops! Então não é nem mais carnaval! As autoridades marcam presença nas negociações e as greves devem acabar para celebrarem um acordo para que a população local e a de turistas *brinquem* com segurança. Ih, até o Diabo que é abençoado por Deus, como relembra a marchinha conhecida, só baixa com proteção policial? Carnaval virou mesmo um negócio, uma profanação normalizada, um pega-pega planejado, uma festa com *promoter*. Então não há mais profanação, só *choubis* com suas celebridades, pirações previsíveis e larárás redundantes.

polícia é polícia

Pouco importam a um libertário as disputas partidárias em torno das ações repressivas dos governos estatuais liderados pelo partido x ou y. Tampouco as comoções que se pretendem inquestionáveis em nome da compaixão pelas vítimas também. É intolerável avançar armado, contra crianças, mulheres e homens; é próprio da covardia de quem se encontra na posição de autoridade no momento. Agora, ouvir policiais militares choramingando contra repressões *injustas* e acossamento de suas mulheres e filhos, lembra o ditado (que nem sempre são inadequados): spray

de pimenta nos olhos dos outros é refresco. Segurança e propriedade seguem sagrados, como manda o figurino das revoluções burguesas. Estado é Estado e polícia é polícia!

[n, 235. 14 de fevereiro de 2012].

para não deixar o fogo apagar

Se o que a Grécia está vivendo é uma crise econômica, o que ela explicita é que é preciso (e é possível) inventar outras sociabilidades que prescindam do capital. Anarquistas nas ruas em Atenas vão além: gritam para quem quiser ouvir que a própria situação da população na Grécia (e que se reproduz em maior ou menor escala por diversas partes do planeta) não é nada mais, nada menos, que efeito de uma política capitalista. E se capitalistas e autoritários ao redor do mundo pretendem reduzir o problema a negociações e crises localizadas, nós anarquistas ecoaremos ações insubmissas ao redor do planeta. Saúde aos anarquistas na Grécia!

[n, 236. 21 de fevereiro de 2012].

se apaixonem

Entre as novidades recentes das chamadas redes sociais estão as páginas nas quais jovens noivos compartilham fotos, perfil dos padrinhos, o histórico do namoro, dicas de hotéis para os convidados, lista de presentes, entre outras informações atualizadas diariamente até o dia das núpcias. A procura de tais redes sociais especializadas aumentou, segundo o administrador de um site especializado, mais de 200% em um ano. “É uma forma de dizer para as pes-

soas: olha, estou feliz”, argumenta uma jovem noiva. Os homossexuais noivos também já produzem seus castelos da felicidade! O casamento, um dos alvos da demolição de homens e mulheres libertárias, desde o século XIX, é uma prática caquética travestida de descolada pelos usuários das redes sociais que repercute o nivelamento pelo direito.

libertariamente

Há quase cem anos, a libertária Emma Goldman afirmava que o casamento era o oposto de paixão e consistia em arranjo econômico, contrato de seguro, tristeza consagrada. “Poderia haver alguma coisa mais ultrajante do que a ideia de que uma mulher saudável, em plena idade, cheia de paixão e vida, ter de negar as exigências da natureza, ter de reprimir seu desejo mais intenso, minar sua saúde e quebrantar seu espírito, ter de aturdir sua visão e abster-se da profundidade e da glória da experiência do sexo, até que venha um ‘bom’ homem para tomá-la como esposa?”, perguntava a *mulher mais perigosa da América*. Hoje, diante do conservadorismo compartilhado nas telas, nas redes, nas camas e nas carinhas sorridentes, cabe perguntar até quando certas pessoas evitarão a grandeza e a liberdade de aprender os prazeres do sexo sem a sanção, contratos, recomendações, dissimulações de sexo livre, bênçãos, *bem-casados*, limpeza e Estado.

[n, 240. 20 de março de 2012].

no future?

No próximo final de semana ocorrerá em umas das unidades da rede SESC um show em comemoração aos trinta anos

do festival *O Começo do Fim do Mundo*. A primeira edição se realizou com quase trinta bandas, na época pouco conhecidas, e acabou com um embate contra a polícia na porta do SESC Pompéia. Pulsava novidade e revolta. Hoje, trinta anos depois, não se fala mais em movimento; um dos organizadores do evento, funcionário da rede SESC, fala de uma *cena* consolidada nas quais as divergência e diferenças foram apaziguadas. Ele credita o apaziguamento ao fim da Ditadura Civil-Militar, tida como inimigo comum em 1982. O punk virou um bem cultural imaterial e já diz que tem futuro.

[n, 241. 27 de março de 2012].

das lutas no presente

Que o dia de luta dos *trabalhadores* já virou dia do *trabalho*, isso não é de hoje. Que as centrais sindicais são instrumentos de gestão da mão de obra em favor das melhorias do capitalismo, basta olhar para as festas e comícios que elas promovem. O primeiro de maio emergiu de uma luta, com greve geral, pela jornada de oito horas diárias e resultou, em 1886, no assassinato de oito trabalhadores, episódio que ficou conhecido como o massacre do Haymarket, no EUA. Era um tempo em que o trabalho incidia sobre o corpo na forma de exaustão física e mutilação, inclusive de crianças. Hoje, quando as jornadas de trabalho se desdobram em conectividade, empreendedorismo e compartilhamentos, pergunta-se: quais são as lutas dos trabalhadores?

[n, 246. 1 de maio de 2012].

comissão da verdade: agora vai?

Menos do que punir ou rever a lei da anistia, a *Comissão da Verdade* deverá situar os efeitos desastrosos que o capitalismo provoca em cada um quando lança mão de regimes ditatoriais para progredir em seu desenvolvimento. Não está em questão um julgamento, mas somente a exposição dos efeitos sobre os envolvidos (torturadores e torturados). Pode ser que daí em diante ninguém mais se assuste com a corajosa atitude dos jovens que produzem *escrachos* e tampouco com a constatação que se tortura diariamente em delegacias; que polícia e tortura formam um casamento indissolúvel; que toda pessoa livre tem o dever de impedir que qualquer autoridade meta mão no corpo de qualquer um; que nada se esgotará nos resultados da *Comissão da Verdade* e que muitas outras verdades libertárias devem ser pronunciadas, sem o consentimento do Estado.

e para onde vai?

Trata-se da coragem em pronunciar verdades e não de produzir mais um negócio político. Se toda criança e jovem deve saber o que se fez com os corajosos resistentes às ditaduras, é tempo também deles saberem que não há democracia sem dispositivos de exceção (dentre eles o voto obrigatório). Precisamos limpar o terreno deste “imbróglio” chamado *segurança* em nome da liberdade neoliberal e da obsessão dos cidadãos medianos pela punição como garantia de sobrevivência. Até quando os tolerantes governantes e seu respectivo rebanho sustentarão a necessidade da prisão para jovens? Dizem que entramos na era da *cultura de paz*, mas ainda tratam a paz como gestão do negócio político fundado na cultura do

castigo. Nisso não há paradoxo, somente capturas de revoltas, gerando novas institucionalizações do medo.

para mães e filhos

Nos anos 1970 e início dos 1980, o governo argentino roubou as crianças filhas de militantes que resistiam à ditadura. Em entrevista concedida essa semana, o ditador Jorge Videla justificou tal roubo como uma “solução humanitária”. No Brasil, muitas mulheres foram sistematicamente violentadas ainda grávidas por homens abjetos como Coronel Ustra, Delegado Calandra, entre outros canalhas. Algumas, torturadas diante de seus próprios filhos. Todavia, se na Argentina as ações de *escraches* organizadas pelos filhos dos “desaparecidos” expuseram homens desprezíveis como Jorge Magnaco, responsável pelos partos no interior da *Escola de Mecânica da Armada*, e que perdeu o emprego e a casa em que morava depois de terem sido revelados os serviços que prestara a ditadura, no Brasil, a maior parte da população desconhece quem torturou em nome da segurança e do Estado. É preciso, assim como ocorreu pelas ruas de Buenos Aires, expor por aqui o endereço e em que estão empregados hoje estes homens covardes que dedicaram suas vidas a derramar o sangue de mães, filhos, irmãos e amigos destemidos.

[n, 248. 15 de maio de 2012].